

II FESTIVAL DE TEATRO ESTUDANTIL = 1979
CAXIAS DO SUL - RS
ESCOLA ESTADUAL IRMÃO JOSÉ OTÃO - 5ª A 8ª SÉRIE

PIMENTA, PROGRESSO, POLUIÇÃO ...

(Baseado no Texto Original de
Ganymédes José:
VIVI PIMENTA SALVA A ÁRVORE)

ADAPTADO POR:
ROBERTO TERRIBILE - 8ª SÉRIE - 1º GRAU



V I V I P I M E N T A S A L V A A A R V O R E

TEXTO ORIGINAL DE: GANYMEDES JOSÉ

ADAPTADO POR: ROBERTO TERRIBILE

CENÁRIO: UM BOSQUE E UM MINI PÁTIO DE ESCOLA

PERSONAGENS:

VIVI PIMENTA
ANA ROSA
TITELA
NATO
VO POEIRINHA
DNA. MILICA
SEU JORGE
PREFEITO
JORNALEIRO
PROFESSORA
GETULINA
ENGENHEIRO
TRATORISTA
SEU FERREIRA
DNA. ANGELINA
TRÊS HOMENS
OUTRAS CRIANÇAS

CLUBE DE TEATRO - ESCOLA ESTADUAL IRMÃO JOSÉ OTÁO - 5ª a 8ª série
rie/ 1979



1º . ATO

CENA I

Cenário: Jardim da casa de Vivi

(Vivi Pimenta e dois colegas em cena. Vivi Pimenta nervosa, braços cruzados, com livros. Expressão de fúria.)

Vivi - (repete irritada) - Po-lu-i-ção... - Não vou fazer trabalho nenhum sobre poluição, pipocas!.

(gesticulando) - Já ando cheia de fazer trabalhos daqui, trabalhos de lá, trabalhos não sei mais onde. Não sou nenhuma máquina e tudo é nas costas de Vivi Pimenta. Vivi Pimenta! - a senhorita vai fazer isso. Vivi Pimenta! - a senhorita vai fazer aquilo! Pois não vou, não senhora! Não vou, não vou e não vou! E quero ver quem manda!

(Ao seu lado Ana Rosa carrega com dificuldade o material solicitado pela professora de Artes. Titela bufava, porém, calados, olhos arregalados fazendo caretas, manifestando descontentamento. Vivi caminhando com raiva, volta a desabafar.)

Vivi - Já vou avisar Dona Milica que prefiro mil vezes tomar bomba a fazer aquele trabalho! (virando-se para as colegas) - E vocês? (Ana Rosa, desajeitada, ajeita o material que escorregava e responde)

Ana Rosa - Se eu disser isso em casa tomo uma surra! - E você Titela? (Titela, meio sem jeito, encolhendo os ombros)

Titela - Minha mãe não me bate, mas me põe de castigo. Já sei.. (pausa) - Um mês sem fazer a coisa que mais gosto.... tomar sorvete! (fala desnorteada)

Ana Rosa - (fazendo cara de choro)

Vivi Pimenta - (Olhando para Ana indecisa) - Não vou me comover!

(Depois para Titela) - Com sorvete ou sem sorvete, já an



do cheia daquela professora chata. Só no primeiro semestre... (para para pensar e conta nos dedos) - quatro trabalhos para ela. Todo mundo ganhou nota. Chegou a hora de tirar a média, como Vivi Pimenta não pára quieta, como Vivi Pimenta não pára sentada, tem a língua comprida como a passadeira da igreja, a profes-so-ri-nha tirou dois pontos de Vivi. E as lindas, como param sentadas e não têm língua, ganharam dois pontos. Resultado: Vivi, que camelou sozinha, ficou com nota oito. (Virando-se ora para uma ora para outra) - Vocês acham isso justo, pipocas?

Ana Rosa - Não, claro que não é justo. (Coloca os livros, desajeitadamente no chão) - Eu preferia não ter tirado dez. Eu queria ter tirado oito como você. Até fui reclamar para a professora abaixar a minha nota, não lembra?

Vivi - (Sem responder) - Tenho vontade de dar um nó no pescoço daquela professora! Acho que todos os professores deveriam ser mais justos e conhecer melhor os alunos. (Os dois colegas concordam com a cabeça)

Ana Rosa- (Surpreende Titela com um beliscão) - Veja se desmancha essa cara de peixe-morto!

Titela - (Com ar de superioridade) - Ora, a casa é minha.

Ana Rosa- É sua, mas precisamos adoçar Vivi. Caso contrário, ela não fará o trabalho e quem entra pelo cano somos nós!

(Em quanto isso, Vivi caminha de cá para lá, resmungando, criticando os professores).

Vivi - (Terminando de resmungar) - Então o que vocês acham? Concordam?

Titela - (Meio atrapalhada) - Claro, que concordo. Eu sempre a



creditei que todos os professores fossem justos. Mas estou vendo que não são. Se eles fossem mais justos e menos chatos, os alunos gostariam mais da escola. E você Ana Rosa, o que diz?

Ana - (Aborrecida) - É... quando eu for professora!...

Vivi - (Interrompendo) - Vai ser uma santa!

Ana - (Exaltando-se) - Como você sabe?

Vivi - Você já prometeu isso mil vezes. Mas eu não acredito nisso de ser santo... Porque todo mundo promete. Depois, quando cresce e vira gente, é aquela paçoca e ninguém cumpre o que prometeu.

Ana - Mas eu (apontando para si) - Vou cumprir. Palavra!

Vivi - (Dando uma risadinha cínica) - Sabem de uma coisa? Estou com fome. Acho que foi de tanta raiva, daquela professora. (Pausa) ... (Apagam-se as luzes)

CENA II

Cenário: Jardim da casa de Vivi

Vivi - Como são bacanas essas plantas! (Fica uns instantes admirando-as) - Droga! Tive que lembrar do trabalho. "Poluição", vim até aqui para desligar e lembro daquela professora outra vez. (Procura esquecer, apreciando as árvores mas... algo lhe cai na cabeça. Sebastião, o jornaleiro, entra apressado e joga o jornal.)

Vivi - (Assustando-se) - Oh! não disse? Tudo em cima de Vivi. Eu detesto trabalhar! (Apanha o jornal e se senta embaixo da árvore.) - Não sei porque os adultos gostam dessa porcaria de tinta preta. (ergue o jornal e mostra à platéia) - Só dão notícias ruins. Por



que alguém não publica um jornal com notícias agradáveis? Aposto que todo mundo tomaria assinatura. (Passa as folhas desinteressadamente, porém algo lhe chama a atenção)

"O PREFEITO ASSINA DECRETO DA VENDA DO PARQUE FIGUEIRAS. NESSE LUGAR SERÁ ERGUIDO O MAIOR SUPERMERCADO DA AMÉRICA DO SUL. E MAIS UMA ÁREA VERDE QUE A CIDADE PERDE. (Lê pausadamente em voz alta) MORADORES DO BAIRRO DISCORDAM, POIS ALI AS CRIANÇAS PODEM BRINCAR E OUVIR OS PÁSSAROS". (Fala com raiva) - Ora, vejam só. Prefeito acha mais importante um supermercado do que um lugar para passear e respirar um pouco de ar puro. E agora? Onde os passarinhos vão morar? (com ar zombeteiro) - Na casa do prefeito decerto! (joga o jornal longe, depois volta a apanhá-lo, folheando-o, depara com uma foto) - Ah! Um senhor apertando a mão de uma professora. Deve ser um prefeito dando parabéns à professora, pois ensina seus alunos que é necessário plantar árvores. (Franze a testa). - Gozado esse tal prefeito! Quando existe um terreno com árvores ele manda cortá-las, porque diz que é importante um supermercado. Parece que nem sabe que uma árvore leva cem anos para crescer e dar sombra. (Exaltando-se) - Chega de ler essas porcarias. Estou vendo que não pensam antes de fazer as coisas. (Sai chateada. Entram seus pais).

Dona Milica - (caminhando nervosamente) - Já estou preocupada com o Nato. Afinal faz um tempão que ele saiu.

Jorge - Foi entregar compras, Milica. Nós dois não daríamos conta sozinhos com o armazém.

Milica - Eu sei... Eu sei... Mas onde foi que aquele moleque se meteu para demorar tanto?



- Jorge - A cidade é pequena, minha velha, deve ter se encontrado com um amigo. E depois, Milica, ele não é mais tão criança.
- Milica - Está bem... Está bem... Agora vamos. Temos muito que fazer no armazém. (Saem)
- Vivi - (Entra com Nato conversando) - O que houve? Dona Milica estava reclamando tua ausência. Eu ouvi. Estás doente? (Faz movimento negativo) - Então... o que aconteceu? (Ele rabisca no chão com alguma coisa)
- Nato - Estou com uma raiva... daquelas!
- Vivi - Raiva? De quem?
- Nato - Do prefeito.
- Vivi - (Surpresa) - Do prefeito? O que ele fez para você?
- Nato - Para mim, nada, mas para o time. Mandou passar o trator no campo do Canela. Vai mandar abrir uma avenida, ligando o bairro à cidade.
- Vivi - (Pensando alto, dirige-se à platéia, apontando para a cabeça como se tivesse tido um estalo...) - O outro prefeito cedeu o Parque Figueiras para construção do supermercado...(Faz uma pequena pausa depois ...) - Como é mesmo esse negócio Nato?
- Nato - Isso mesmo que você ouviu, Vivi. Adeus campo do Canela! Adeus jogos! Adeus tudo!
- Vivi - Adeus ao bosque também. Mas aquelas árvores lindas com mais de cem anos?
- Nato - Pois é...
- Vivi - (Braços cruzados) - Que coisa chata Nato! O prefeito não deveria fazer uma coisa dessas! Onde os passaros vão parar? Onde os namorados vão passear? Onde seu José vai pintar seus quadros?
- Nato - (Irritadíssimo ergue os punhos) - Onde vamos jogar



futebol? Eles não tinham outro lugar para abrir a avenida? PROGRESSO! PROGRESSO! Mas que porcaria de progresso!

Vivi - É... (batendo com o pé várias vezes no chão) - PROGRES-SO! PRE-FEI-TO e POR-CA-RIA... As três palavras começam com a letra P... não é?

Nato - Vou embora. De nada adianta ficarmos filosofando... Tchau!

Vivi - (Fala sozinha) - Gostaria de fazer alguma coisa para ajudá-los. Fazer o quê? Quem sou eu para dizer o que é certo ou errado? As autoridades sempre justificam que em nome do progresso alguma coisa precisa ser sacrificada. O progresso exige mesmo aquelas coisas. (Com ar pensativo fica admirando as árvores).

(Enquanto isso entram Ana Rosa e Titela conversando e gesticulando).

Ana Rosa - Palavra! Eu vi! Uns homens no campo do Canela... (é interrompida)

Vivi - (ouvindo) - Então... então era verdade do Nato?

Ana Rosa - Claro que era verdade. Havia muita gente olhando. Entre os tais, estava o prefeito com aquele safari ca fona, apontando dali, de lá, dando meia volta, (gesticulando enquanto fala) - Como se fosse dono do campo.

Vivi - (Com expressão de desespero e raiva) - Eu preciso dar uma olhada no que está acontecendo no campo do Canela. PRE-CI-SO! Trifolieiras, vamos marcar a hora que podemos ir lá!

Titela - Amanhã à tarde!

Vivi - Até lá muita água já correu debaixo da ponte. Tam



de ser urgente. Vai ser agora!

Titela - Agora? Ah, eu estou morrendo de fome!

Ana Rosa- Se eu me atrasar, minha mãe faz discurso.

Vivi - (rosnou fechada) - Mães e estômagos! Estão parecendo duas bananas! É por causa de gente como vocês, que só pensam em estômagos, que os tratores andam por aí destruindo tudo para depois, os prefeitos saírem nos jornais dizendo que: "devemos ensinar as crianças a amar e proteger a natureza". - Esses prefeitos! (caminha ora para um lado, ora para outro e volta a comandar) - Nós três vamos ao campo do Canela. Entenderam?

(Ana e Titela olham-se aflitas, ela sai sem esperar resposta, as duas a seguem.)

CENA III

Cenário: Jardim da casa de Vivi

Vivi - (Imóvel como uma estátua, olhar no infinito sob as árvores).

Vó Poeirinha- (entra cantarolando, distraidamente e depara com Vivi, espanta-se) - Ué? O que você está fazendo aí? Virou lagarta?

Vivi - (Continua imóvel) - Não vó. Estou pensando é em um trabalho chato sobre poluição. A professora de Ciências que mandou fazer.

Vó Poeirinha - Poluição? (repete a velha como se experimentando o sabor daquela palavra) - Oh! Já sei! Poluição é esse negócio de muita sujeira despejada nos rios, matando peixes, muita gasolina queimada pelos automóveis, deixando o ar irrespirável e matando plan-



tas... não é?

Vivi - É Vó Poeirinha. O dicionário diz: Poluir é: MANCHAR, SUJAR, CORROMPER, MACULAR, PROFANAR, DESLUSTRAR (lê num papel que carregava consigo).

Vó Poeirinha - (Enquanto isso concorda com a cabeça) - Você é bem sabida, não?

Vivi - (amassa o papel e o joga longe) - Sabida! Saber o que o dicionário diz é muito fácil. Mas sentir o que a coisa é, é diferente Vó!

Vó Poeirinha - Mas você, então, não entendeu o que significa poluir?

Vivi - Vó, eu estou cansada de saber. E, também estou cansada de saber que, no fim, quem suja tudo são os homens.

A senhora já pensou o que significam mil pias e mil tanques todos dias jogando sujeira nos rios? Mil automóveis soltando nuvens escuras o dia inteiro, acabão preteando a cara de todo mundo! E mais, vó, moleques matando pássaros, caçadores sem serviço, matando os coitados dos animais... (exaltando-se). E esses homens baixinhos e barrigudos derrubando árvores para abrir avenidas, como aqueles bocós do campo do Canela.

Vó Poeirinha - (arregalando os olhos, surpresa) - O que você está dizendo?

Vivi - (toma o jornal e mostra para a vó a legenda).

Vó Poeirinha - (lê... depois...) - mas aquele bosque é parte da história da cidade!

Vivi - Pois é... mas sabem o que dizem? que se as árvores levaram cem anos para crescer, serão derrubadas em poucas horas porque... porcarias devem ser jogadas



fora!

Vó Poeirinha - Eu não posso aceitar isso. Derrubar a Árvore do Dia dos Reis. Isso não se faz!

Vivi - Árvore do Dias dos Reis? Que árvore é essa, Vó?

Vó Poeirinha - Ela tem esse nome, porque foi plantada em um dia de Reis, pelo fundador da cidade que queria, com isso, determinar o local onde foi construída a primeira casa desta região. A Árvore é, por assim dizer, um marco histórico.

Vivi - Pelo jeito esse prefeito não pensa em coisa nenhuma. (é interrompida por Getulina)

Getulina - (berrando) - Vou tirar a mesa do café. Quem não vier comer agora, azar!

Vó Poeirinha - Oh! Vamos entrar, ou Getulina ficará uma fera. Mais tarde conversaremos.

Vivi - Certo, Vó. Já foi o suficiente. (quando iam saindo encontram-se com Ana e Titela) (fala antes delas) - Esta é a importante visita de hoje. Vó Poeirinha veio ajudar-nos a resolver um problema. Impedir que sejam cortadas as árvores do campo do Canela. (os garotos entreolham-se em silêncio).

Ana Rosa - (levando as mãos à cabeça) - Agora você vai se meter com engenheiros e com o prefeito, Vivi?

Titela - Eles são os donos da cidade. Isso não é perigoso?

Vó Poeirinha - (sorrindo) - O prefeito nada passa de um empregado do povo!

Sim. O povo vota em uma certa pessoa para ela tomar conta da prefeitura e da cidade. O povo paga imposto sobre as casas onde moram e, parte desse imposto todos os meses paga o salário do prefeito. Os prefeitos são administradores. A obrigação de um



administrador é, em primeiro lugar, cuidar do bem-estar das pessoas e, depois tomar conta de tudo que a cidade tenha de bonito, de bom e de importante.

Ana Rosa- A senhora acha que podemos fazer algo contra isso? Afinal, ainda somos crianças! Isso não é coisa dos adultos?

Vó Poeirinha - (aproximando-se dos três) - Vocês são crianças mas a cidade pertence a vocês, também. Não se esqueçam que se hoje vocês são crianças, amanhã vocês é quem vão tomar conta de tudo. Portanto, desde hoje, é preciso que vocês comecem a aprender o que é certo ou errado para, depois, procurarem só fazer as coisas que são corretas! Além do mais a tradição é a alma de um povo. É a tradição que melhor nos faz amar nossas coisas. Aquela árvore, por exemplo, foi plantada pelo fundador da cidade como um monumento para existir no futuro. Essa árvore é um símbolo, um marco, um sinal, um monumento de nossa história. Merece ser protegida a qualquer custo.

Vivi - (Empolgando-se) - A senhora é genial, Vó Poeirinha. Tem alguma idéia do que possamos fazer?

Vó Poeirinha - Idéias tenho muitas. Mas não vou dizer nenhuma. Afinal são vocês que estão interessados em salvar a árvore e, portanto, vocês que têm que fundir a cuca para encontrar uma saída. Lembrem-se, porém, de uma coisa: (pausa) - "A força bruta nunca é a melhor forma de se convencer ninguém. A melhor força está aqui. (aponta para a cabeça) - Bem, agora tenho de ir. Fiquem à vontade e boa sorte.



- As três - Obrigada, Vô Poeirinha, a senhora é muito inteligente. (a velha despede-se sorrindo)
- Vivi - Sabem de uma coisa? Eu falarei... (é interrompida por Ana)
- Ana Rosa- Vivi, não insista. Nós estudaremos o caso. Nós juntas.
- Vivi - Está bem, está bem. Mas eu já estou tendo problemas com Dona Milica, pois não consigo comer.
- Titela - Sei! Mas você sempre dá jeito para tudo, ora, vire-se!
- Vivi - (dando um salto) - Ei! O Nato, Santo Deus! O NATO! Ele está interessado nisto. O campo do Canela! Precisamos falar com ele.
- Ana Rosa- Fale você Vivi. Depois a ajudaremos. Agora vamos Titela. Tchau.
- Vivi - Tchau trifolieiras. (Dá um punho IAU!) - Nato! NATO!
- Nato - (entra assustado) - Puxa! O que aconteceu? Que susto você me pregou! Quer falar comigo?
- Vivi - Nato, é importante! Precisamos conversar.
- Nato - Então, fale depressa. Já ando muito chateado por causa do campo do Canela.
- Vivi - E eu estou tão chateada quanto você. Falei com Vô Poeirinha. Ela assegurou que o prefeito não é o dono da cidade. Vamos trabalhar juntos, Nato? Ela afirmou que podemos tentar um modo de não deixá-lo cortar o bosque onde existe a Árvore do Dia dos Reis. Só que não poderemos contar com ela. Vô, viajou e disse que devemos fundir a cuca. Temos capacidade. Que tal? Nato convida os colegas do TIME para uma reunião hoje.



- Nato - (Sorrindo aliviado) - É isto aí. Vou agir logo. (Sai correndo)
- Vivi - Boa sorte, mano.
- Dona Milica - (entra nervosa) - Vivi, há alguns dias notei que você nem toca na comida. Vou levá-la ao médico.
- Vivi - Pode deixar, Dona Milica. Estômago não é problema. Já vou dar um jeito. (sai e entra com mais de meio pão) - Getulina tinha preparado, viu?
- Dona Milica - Ainda bem, agora fico mais tranquila. (dá um beijo na filha) - Você precisa se alimentar bem. Está crescendo, filha. (Quando Dona Milica sai, rapidamente Vivi esconde o sanduiche).
- Vivi - (entram os garotos) - Olá, acomodem-se. Rápido! Nato já falou a vocês, não é?
- Todos - Sim.
- Um do grupo - E quem vai conversar com o prefeito?
- Vivi - "sem pensar" - Ainda nem sabemos o que vamos conversar com ele. Só depois da reunião é que decidiremos. (o silêncio foi geral) - Temos de trabalhar juntos se vocês quiserem salvar o campo do Canela, nós queremos salvar o bosque.
- Outro - Afinal, o que precisamos fazer? (perguntou meio nervoso).
- Vivi - Vocês têm de me ajudar a bolar um plano para fazer o prefeito mudar de idéia. (zumzum em toda a assembleia. Os meninos falam e gesticulam ao mesmo tempo.)
- Vivi - Silêncio! (pede, erguendo os braços) - Pode haver espiões ouvindo!
- Um gordo- (pergunta) - Por que, o prefeito é chato desse jeito?



- Vivi - Agora não é hora para discutir se ele é chato ou não, se é jumneto ou não, se é espírito de porco ou não pessoal. Vamos parar de falar mal do prefeito. O que temos é de pensar. Cada um vai apresentar uma boa idéia. Quem vai sugerir a primeira?
- O gordo - (erguendo a mão)
- Vivi - Pode falar! (aprovando)
- O gordo - E se a gente convidasse todas as crianças para dar uma surra nele? (alguns aplaudem).
- Vivi - (exaltando-se) - Gente, Vô Poeirinha recomendou que força não resolve. Porque a força da inteligência é muito mais que a força física. (aponta para a cabeça. Quando fala, ouvem-se aplausos). - Alguém tem mais sugestões? Esta não deu pé! (Faz-se silêncio por instantes).
- Ana Rosa- Falei com meu pai, ele me explicou que todas as cidades têm vereadores. Vereadores são pessoas que o povo elege, no dia quando elegem o prefeito. E são esses vereadores que se reúnem na Câmara Municipal, onde propõem leis, consertam leis erradas, desfazem outras. Depois, essas leis, vão para o prefeito que deverá aplicá-las. Por isso que o prefeito é conhecido pelo nome de CHEFE DO EXECUTIVO. Que tal procurarmos esses tais vereadores?
- Vivi - Linda sua explicação, Dona Ana Rosa!
- Titela - Não adianta. Todos os vereadores são muito amigos do prefeito e só fazem o que ele mandar. Como irão escutar nossos pedidos?
- Vivi - Oh! Esses prefeitos e vereadores são todos uns cabeçudos! Se a panela é desse jeito, jamais vamos conseguir fazer o prefeito desistir dessa avenida.



- (Pára um pouco para pensar e de repente dá um salto berrando, enquanto isso o pessoal faz silêncio)
- Achei! Achei! Achei! (Todos se assustam)(ela berra) - Silêncio!
- Titela - Nossa! Achou o que! Pirou de vez, coitada!
- Vivi - A resposta, sua banana! A resposta! (pula mostrando-se feliz) - Escutem! Preciso de pincel, tinta e muito papel e de vocês, claro.
- Nato - Pode deixar. A molecada arranja tudo, até um quilo de ouro, se for preciso, desde que seja para salvar o campo. (dirigindo-se para os colegas)... Não é? (todos concordam aplaudindo).
- Vivi - (divide o pessoal em três equipes) - Cada equipe vai escrever algo em faixas. Não esqueçam os lanches. Não quero ninguém falando em estômagos. (olha para Titela) - Iremos para lá amanhã cedo. Será um piquenique muito di-fe-ren-te... (dá uma risadinha cínica).
- Nato - Pode deixar conosco que é pra já! (todos concordam vibrando de alegria).

IIº ATO

CENA I

Cenário: Bosque com a "Árvore do Dia dos Reis"

- Vivi - Ai, parece inverno (fala estremecendo-se)
- Nato - Sempre esfria de madrugada. Não se preocupe, porque vai esquentar daqui a pouco. (fala com ar zombeteiro. Aos poucos vão aparecendo os garotos.)
- Vivi - Todos presentes?



Todos - (respondem) - Sim, todos.

Vivi - Vamos até a Árvore do Dia de Reis.

Titela - (chegando perto da árvore) - Puxa vida! É linda! Es se prefeito é um tonto.

Nato - Acontece que a gente nunca dá valor às coisas que tem, ou se resolve dar, é muito pouco.

Vivi - Deixem de conversa mole, agora. Primeiro prender as faixas. (fala dando ordens) -

Onde estão elas? (as equipes se apresentam uma por vez, entregando as faixas ou segurando-as).

1ª) QUEREMOS QUE NOSSA ÁRVORE CONTINUE VIVA.

2ª) O CAMPO DO CANELA É DA CRIANÇADA.

3ª) A CIDADE QUER O BOSQUE ONDE ESTÁ.

Nato - (satisfeito) - Está ótimo, não está?

Vivi - (aprovando) - Excelente! Agora, vamos proteger a área. (colocam-se formando uma barreira ao redor da árvore) - Algum problema? Ninguém com fome? Medo?

Nato - Está tudo em ordem, Vivi.

Titela - Medo? Fome? Isto está uma delícia de aventura! Só quero ver a cara dos barrigudinhos. Mas será que vão derrubar a árvore em cima da gente? (fala hesitando)

Vivi - Que é isso Titela? Nada de medo? Precisamos ficar firmes. Ninguém se mexe e nem fala, quando alguém aparecer. (As luzes começam a clarear o ambiente).

Dna. Angelina - (desajeitada, entra) - Santíssima Virgem! Que é o fim disso? Até parece Árvore de Natal! (esfregando os olhos) - Ou... é minha vista?

Seu Pereira - (ouvindo o berro de Dna. Angelina, corre).

Dna. Angelina - Aquilo é mesmo criança, ou será que estou ficando caduca? (aponta para eles. O pessoal fica quieto.)

- Seu Pereira - Não está ficando caduca, não. Também estou vendo.



Dna. Angelina - Papagaio... O que será isto?

Tratorista - (entra afobado, interrompendo) - Ei, doutor, venha ver uma coisa, rápido! (chama o engenheiro)

Engenheiro - Ué, que brincadeira boba é essa? Vamos já, todo mundo vai sair daí. (imóveis como estátuas obedecem Vivi)

Vivi - Vamos saindo... uma pipoca! Nós só sairemos daqui, quando desistirem dessa idéia maluca de destruir o campo do Canela e derrubar o nosso bosque. Isto é um C-R-I-M-E!

(Perdendo o controle, avança encostando o dedo no nariz do engenheiro) - Quer saber de uma coisa moço? É por causa de gente como você que o Estado inteiro está se transformando em um deserto feio, pedrado, quente, seco, porcaria! Eu fico louca da vida com esse descaramento. E depois os professores ainda mandam a gente fazer trabalhos sobre a poluição, como coisa que um trabalho deste gênero vai impedir que nossas velhas árvores sejam cortadas. POR-CA-RIA! Ah... e mais... Nos jornais aparece o prefeito cumprimentando um professor pelo seu trabalho. Ridículo isto!

Eng^o - Isso não pode ficar assim. (fala erguendo os punhos irritado) - Vou chamar o prefeito, agora mesmo.

Vivi - Pode ir falar com o bispo. (continua a falar aos presentes) - Essa árvore é a Árvore do Dia dos Reis. Foi plantada pelo Fundador da cidade, portanto, ela é um marco histórico.

Seu Pereira - (surpreso) - É mesmo, caramba! Eu nem me lembrava mais. (Volta-se para os presentes) - Precisamos apoiar essas crianças. (zumzum entre os presentes).



Estou cansado de ler nos jornais sobre a grande derrubada de matas pelo Brasil inteiro, que está transformando este país em um deserto. Os homens só querem derrubar... derrubar... derrubar... Nós mesmos estamos permitindo que eles nos destruam.

Vivi - Nossa! que povaréu! Está até parecendo dia de procissão! Melhor para nós. Quanto mais gente ouvir ouvir as desculpas que o prefeito vai dar, pior para ele.

Dna. Milica - (chega furiosa) - VIRGINIA PIMENTA, sai daí! (Faz-se muito silêncio).

Vivi - Sinto muito, Dona Milica, mas só vamos sair daqui, quando o prefeito resolver o problema. Se ele pensasse mesmo no progresso do Bairro, devia é mandar água, porque água é mais importante que avenida, a senhora já sabe de tudo e agora vamos até o fim, Dona Milica!

(Os presentes batem-se cochicando)

Seu Ferreira - O prefeito está chegando! Deixe sua filha Dona Milica.

Prefeito - (Mão para trás, dando pulinhos) - O que está acontecendo por aqui? O que essa criançada quer?

Vivi - Calma Sr. Prefeito! Não se aproxime ainda. Queremos que o campo de futebol e a Árvore do Dia de Reis sejam respeitadas.

Prefeito - (Rosnando nervoso) - Mas essa é muito boa! Essas porcarias de crianças querem agora me ensinar o que devo fazer? Pois fiquem sabendo que eu fui eleito por esta cidade para ser o prefeito e tenho o direito pleno e absoluto da fazer o que bem entendo! (fala sempre gesticulando).



Vivi - Fazer o que o senhor entende, um pinhão! (Dna. Milica põe as mãos na cabeça apavorada, Vó Poeirinha dava pulinhos torcendo, procurando não ser vista por Dna. Milica) - Acontece que o Sr. não é dono da cidade e não pode ir fazendo só o que lhe vier à cabeça. É preciso primeiro, saber o que o povo pensa, porque o senhor é um empregado do povo!

Prefeito - (arrebatando de raiva) - Eu? Empregado???

Vivi - Sim senhor. EMPREGADÍSSIMO!!! Quem é que paga o senhor para tomar conta da cidade? Não é o povo? Então... isso quer dizer que o povo é o seu patrão! Só assinar, Senhor Prefeito, não adianta! É preciso ouvir o povo!

Prefeito - (desarmado, muda o tom de voz) - Mas é claro que eu estou fazendo aquilo que o povo quer. Pois a nova avenida vai ser um benefício para o pessoal do bairro.

Vivi - Aproveita para, agora, perguntar se querem mesmo a avenida... ou se não preferem o campo? o bosque? a água?

Prefeito - (sem jeito) - Vocês preferem ou não a linda avenida? (seguem-se vaías)

Seu Ferreira - Preferimos água!

Outro - Eu gostaria de dar uma idéia... Afinal, com o diálogo podemos solucionar muita coisa. Por que não se faz uma grande praça redonda, deixando ao meio o campo do Canela e o bosque? Os carros sobem pela direita e descem pela esquerda. Além de ser uma garantia contra futuros desastres, o bairro ganha a avenida, e o campo com a Árvore do Dia de Reis serão salvos. (Todos olham-se satisfeitos, sorridentes)



tes e aplaudindo)

Prefeito - (Sai furioso) - Não adianta tratar com ignorantes!
Alguns dias verão quem sou...

Ana Rosa - Veja, Vivi... (apontando) - Lá vem a professora de Ciências. Só apareceu no finzinho, não é? (Vivi tenta esconder-se)

Professora- Virgínia Pimenta, que idéia genial a sua, procurando preservar nosso bosque, mostrando o que as crianças podem fazer. Só poderia brotar de sua cabeça não é?

Vivi - Bem... Eu... (fala gaguejando)

Professora- Eu sabia! Eu sabia! (abraçando-a) - Quando eu pedi para você aquele trabalho sobre poluição nem cheguei a sonhar que você poderia ir tão longe assim!

Vivi - (Estranhando, com um certo ar de esquecimento, indiferença) - Trabalho sobre poluição??? (Vó Poeririnha e seus pais olhavam-na orgulhosos)

Professora- Claro, não se lembra?

Vivi - Sim... Um pouco... Eu...

Professora- Você fez o trabalho mais maravilhoso que jamais qualquer aluno pensaria fazer! Se todo o aluno ouvisse o professor, seria tudo tão diferente! (Depois, dirigindo-se aos presentes) - "SINTAM TODOS o delicioso cheiro do ar puro que a gente sente, onde existem árvores! A árvore é necessária à sobrevivência humana, porque ela absorve o gás carbônico e expelle o precioso oxigênio que mantém a vida humana. Vamos, respirem todos profundamente para encherem o pulmão e o sangue de oxigênio! Vamos, ar puro faz bem para o organismo, aumenta a saúde, dá mais disposição e nos faz viver mais tempo. Vamos,



respirem todos. Todos! Todos! Todos! (enquanto todos obedeciam ao comando da professora, Vivi olhava as companheiras e dá uma piscadinha marota) Depois...

- Agora, palmas a essas crianças, porque elas são a esperança de um futuro melhor.

(Todos aplaudem, enquanto os mais achegados vão abraçar Vivi e os companheiros).

